Biblioteca Pública
Lisboa

Série IV — Ano 7.º — Porto, 11 de Fevereiro de 1917 — Número 6

A AURORA

Redacção e administração
Rua do Sol, 131 — PORTO
Composição: Rua do Sol, 131.
Impressão: Tip. Viuva Batalha

Propriedade do GRUPO DE PROPAGANDA LIBERTÁRIA

Redactor principal
António Alves Pereira

Editor
Norberto T. de Carvalho

Condições d'assinatura (Pagam, adiant.)
Um mês . . . . . $10 (100 reis)
Semestre . . . . . 360 (900 reis)
Um ano . . . . . 1$20 (1$40 reis)
Para fóra do país acresce o importe do selo
Número avulso, $02 (20 reis)

LIÇÕES DA GUERRA

AQUELES que, em face do tremendo conflito europeu não perderam a cabeça, antes se conservaram fieis aos princípios e às ideas de emancipação social que sempre advogaram, teem tido muitas ocasiões para observar certos factos cuja natureza encerra preciosos ensinamentos.

A guerra actual, que os patrioteiros e os comerciantes, os homens de negócios e os magnates das finanças, os jornalistas a sôldo do capitalismo e da burguesia e os desvairados dos diferentes sistemas sociais classificaram e classificam ainda, hipócritamente, de *guerra de libertação*, não passa, segundo a opinião dum crítico militar autorizado no assunto, duma «assembleia geral de pancadaria», onde se *discute*, pela boca fumegante dos canhões e pola fôrça estúpida das baionetas, a quem há-de pertencer, de futuro, a hegemonia industrial, comercial, financeira e diplomática da Europa.

Ora nêste jôgo de interesses materiais que se debatem, os Estados, para sairem vencedores da contenda, tratam de agitar espalhafatósamente os chamados valores morais e patrióticos dos seus respectivos povos, na mira sagacíssima de os tornarem cúmplices nos nefandos crimes que praticam diáriamente.

Assim, nós vemos que, em tôda a parte, os governos — apesar das tam decantadas *leis de separação* — se utilizam maravilhosamente das religiões para, sem receio, conduzirem os trabalhadores, como rebanhos, ao insaciavel matadoiro humano. Em França, por exemplo, a religião católica, gosa dumas prerogativas e duns benefícios tais, que os reaccionários de todos os países já prevêem, para depois da guerra «um profundo renascimento religioso, um alevantamento magnânimo das crenças cristãs» (acho que, *para maior glória de deus*, com tribunais da inquisição, fogueiras, cilícios, pôtros e demais petrechos inerentes ao *suave* exercício da conversão dos povos!) «renascimento e alevantamento que a redimirão de todos os êrros e scismas que os seus pensadores, com as suas teorias dissolventes e absurdas, teem dado origem.» A confirmar-se as nossas previsões, que serão fatais — ajuntam êles, pomposamente — não haverá no mundo melhor exemplo para demonstrar aos ingénuos e aos descrentes, tôda a veracidade que existe na parábola do filho pródigo!...

Vê-se, por esta pequena amostra, que a cúria romana, sempre ávida de parasitismo e sempre decidida a semear as trevas da ignorância para poder prosseguir na exploração metafísica das populações rudes, não trepida em auxiliar os Estados, sejam do que categoria forem, em mancomunar-se com êles, *em unir-se* aos seus destinos, desde que possam retirar daí os proventos necessários à sua conservação infausta e ao seu predomínio funesto.

Mas o triunfo da religião trará consigo, e por muito tempo, a morte de tôdas as aspirações de liberdade e bem-estar. Ela, de sociedade com o militarismo, com a estúpida autoridade organizada, com a magistratura, com a polícia, enfim, com tôdas as instituições capitalistas, constitui a mais sólida base em que se apoiam todos os governos. A união ou o entrelaçamento da Cruz com a Espada, define claramente que uma coisa não pode viver sem a outra. E' por isso que os Estados, conquanto se *dèclarem* anti-clericais, nunca se proclamam abêrtamente contra as religiões. No ensino oficial substituem umas por outras, isto é, obrigam os seus professores a ministrar às crianças a religião que mais se adapte às suas conveniências de partido político e de seita.

Instruídos, assim, os indivíduos supersticiósamente ¿que admira que, no momento propício os governantes deitem os gatâzios ao padre e lhe *peçam* para cumprir a sua missão de evangelizador? A docilidade e a ausência de personalidade individual, são comuns ao fito dos dois. E quando se pensa em obter, como na guerra actual, um determinado objectivo, não se olha para traz. Tôdas as ajudas são boas; todos os concursos são magníficos. A mentira apresentada com perícia e com arte, é a alma salvadora do negócio. A revisão — a separação do trigo do joio — fica para depois, para as oportunidades, para quando houver vagar. Mas se por acaso ficar tudo misturado, subvertido, logo que os Estados não sofram, logo que os seus alicerces não abanem, logo que os supremos interesses das castas dominantes não periguem, não se perde nada; muito ao contrário, os exploradores da produção e do consumo teem tudo a lucrar...

E a prova de que os Estados ao envolverem tudo o que podem nas suas habilidades políticas, para melhor servirem as suas clientelas, encontra-se no facto incontroverso dos socialistas parlamentares também irem pela beiça. Quem se chega para os maus, adquire-lhes os hábitos, diz a sabedoria das nações. Com efeito: o *último filho* de Alberto Tomaz, o ministro socialista das munições francesas, é bem característico. Os leitores, certamente, ignoram quem é êste filho do *grrrandè* socialista! Pois ficam agora a sabê-lo: é a bala do canhão de 40 centímetros!...

A Alemanha apresentou de surpresa, o famoso morteiro de 42. Pois a França, que igualmente possui talentos militares, não lhe podia ficar atraz e respondelhe com o morteiro de 40. E Alberto Tomaz, para que os franceses se inteirassem da eficácia dos trabalhos que correm pelo seu ministério, mandou colocar duas cápsulas do seu dilecto filho à entrada do Hotel dos Campos Elísios. Torna-se preciso que todo o mundo fique sabendo que o *kolossal* se inventa em tôda a banda e que a mania patriótica e nacionalista emociona os cérebros ao ponto de os transformar em simples serventuários dos ricos, dos dominadores e dos políticos.

Ah! que as lições da guerra são de arripiar os cabelos. Se o proletariado organizado, consciente, activo e ansioso pela sua emancipação se deixa adormecer pelo canto mavioso das sereias políticas, patrióticas ou governamentais, mais vale atar as mãos à cabeça e atirar-se para o abismo. Porque a sua ruína será total.

PEDRO GUIMARÃES.

Aos camaradas

No número 5 de *A Aurora* diziamos aos camaradas que, em virtude da situação financeira do jornal, suspendiamos a sua publicação até à terceira ou quarta semana de janeiro.

Passaram-se essas semanas e nós, com grande desgôsto, não pudemos cumprir com a nossa palavra. O dinheiro que recebemos foi pouco, mal chegando para pagar as dívidas que fizemos. De maneira que a nossa esperança ia-se desvanecendo pouco a pouco, e com franqueza, mais duma vez chegamos a supôr que nos seria impossível arcar com as responsabilidades da publicação de *A Aurora*.

Recorremos, então, à solidariedade de todos os anarquistas. Enviamos cartas demonstrando-lhes a situação do jornal, e os resultados que colhemos satisfizeram-nos bastante. Independentemente disso, um grupo de amigos do jornal, veio à redacção e no meio de palavras entusiastas, comprometeu-se a compôr o jornal gratuitamente, visto a grande falta que êle está fazendo nos meios proletários.

Com êstes concursos, resolvemos, então, meter novamente ombros à empresa. Os camaradas sabem, perfeitamente, que a nossa imprensa vive cheia de dificuldades, aqui como em tôda a parte. Publicar um jornal tôdas as semanas, representa um sacrifício que só sabem avaliar aqueles que a si próprios impuzeram essa missão. Neste momento, portanto, somos forçados a solicitar de todos os camaradas o seu óbulo, por pequeno que seja, a ver se conseguimos levar de vencida os obstáculos que se antepõem à difusão da nossa propaganda.

Se todos os amigos do jornal contribuíssem mensalmente com uma cota suplementar de 10 centavos, isso facilitaria muitíssimo a vida à *Aurora* pois, quaisquer *deficits* que houvesse seriam prontamente extintos.

Pensem, portanto, os camaradas no nosso alvitre; e se entenderem que êle é aceitavel enviem-nos as suas adesões.

O que todos devem ter em vista é o seguinte: se nos não auxiliarem com quaisquer quantias, se não abrirem subscrições voluntárias para acudirem às necessidades de momento, se enfim, não se importarem com o jornal, deixando *correr tudo ao deus dará*, nós, como não sabemos fazer milagres, seremos forçados a recolher-nos ao silêncio.

Teem a palavra os camaradas...

A Paz pelos Povos : :

Inserimos hoje este manifesto, que em França teve umas poucas de edições. Para êle chamamos a atenção dos nossos camaradas, na certeza de que concordarão com a sua doutrina.

Há vinte e dois meses que a Europa é um vasto campo de chacina. Foram já mortos milhões de homens, e mais numerosos ainda são os que vêem reduzida, se não para sempre destruída, a sua capacidade de trabalho. Cidades inteiras há que já não passam de montões de escombros. A miséria impéra e estende-se de dia para dia com uma rapidez crescente. A Europa corre para a sua ruína.

Para justificar esta loucura devastadora e obter o consenso resignado dos povos, dizem-nos que é a luta do direito e da justiça contra os Bárbaros, e cada partido beligerante se pretende, com exclusão do adversário, campião da justiça e do direito.

Quanto a nós, em tôda esta destruição de existências e de riquezas, não vemos senão a luta da barbaria contra a barbaria.

E' falso que neste formidável conflito haja móbiles desinteressados. Na realidade representa apenas um ímpeto de apetites, uma concorrência de interesses em irredutível discordância; é o resultado previsto e inevitável do embate violento das cubiças capitalistas, assim como das intrigas velhacas e tortuosas duma diplomacia criminosa. E' a resultante normal, lógica e esperada da concorrência mundial entre os diversos imperialismos, concorrência cuja crescente intensidade tomara nos últimos anos a acuidade dum antagonismo cheio de desconfiança e de ameaça.

As cubiças imperialistas das grandes potências europeias tinham-se arrogado direitos sôbre os territórios africanos e asiáticos ocupados por populações inermes, onde elas pretendiam achar terrenos propícios para uma frutificação de capitais.

A' medida que se reduziam os espaços livres e que entravam em contacto as famosas esferas de influência, iam surgindo incidentes e contestações que às vezes acabavam por se arranjar amigàvelmente, embora de modo precário.

Todos se lembram do incidente de Faxoda, que esteve a ponto de desencadear a guerra entre a França e a Inglaterra — hoje amigas e aliadas. Foi também dum conflito de interesses no Extremo Oriente que nasceu a guerra entre a Rússia e o Japão, hoje igualmente aliados. A guerra ítalo-turca outra causa não teve tampouco senão apetites capitalistas na Tripolitânia.

Rivalidades do mesmo género èm Marrocos, entre especuladores alemães, franceses e espanhóis por um triz não fizeram estalar alguns anos mais cedo a guerra entre a França e a Alemanha. Desde 1870 que sôbre a Europa pesava um desassossêgo crescente, devido ao estado de paz armada, resultante da conquista alemã da Alsácia-Lorena e dos projectos franceses de desforra, que depois cuidaram de achar apoio numa aliança com a Rússia. Esse desassossêgo agravara-se sobretudo nos derradeiros doze annos. A expansão considerável da indústria e do comércio da Alemanha levara, por essa ocasião, esta potência a aumentar as suas fôrças navais. Ciosa da sua supremacia marítima mundial, a Inglaterra sobresaltou-se com isso. E não somente se viu, desde 1905, o próprio rei da Inglaterra tomar a iniciativa duma aproximação entre a Inglaterra e a França, tornando-se desde então «amigas cordiais» essas «inimigas hereditárias», mas também a diplomacia britânica chegar-se para a Rússia, apesar do conhecido antagonismo dos interesses russos e ingleses no Oriente.

A intenção era clara: visava ao insulamento da Alemanha, a temida concorrente.

Dum lado, as miras da Alemanha na Ásia Menor e do outro, nos Balcans, as contínuas intrigas da diplomacia russa, aspirando a saídas para o Mediterrâneo, quer expulsando da Europa a Turquia e tomando Constantinopla, quer de qualquer outro modo, mantinham um estado de perturbação e um antagonismo permanentes entre os interesses que as diversas potências pretendiam ter no Oriente.

Essas intrigas, que por exemplo não tinham cessado de excitar a Sérvia contra a Áustria-Hungria, tinham produzido entre êsses dois países uma tensão duma acuidade tal que por fôrça se havia de dar um incidente — e com efeito se deu, proporcionando o pretexto do qual saiu a guerra actual.

Porque o atentado de Seraievo não passou de um pretexto: pretexto para os impérios centrais, e especialmente para o império alemão, para, tomando a dianteira e precipitando os acontecimentos, sair duma situação intolerável e ameaçadora para êles; pretexto também para os megalomaníacos pangermanistas realizarem enfim o seu sonho de dominio mundial; pretexto, por outro lado, para o império russo, tomando hipócritamente o papel de inocência agredida, colher o fruto de tantas intrigas e excitações nas regiões turco-balcânicas, tornando inevitável o conflito com uma mobilização antecipada e obstinada.

A violação da neutralidade da Bélgica e a invasão brutal dêste país foram também para o império britânico o pretexto para, proclamando-se campião do direito ultrajado, realizar o seu plano há muito meditado de reduzir e, sendo possível, esmagar uma rival inquietante.

E' difícil, nas horas turvas dos últimos instantes, pesar exactamente o quinhão de responsabilidade de cada um na perpetração do crime. Se as potências centrais teem a responsabilidade de haver vibrado o primeiro golpe, se ao govêrno russo incumbe a de ter, com a sua mobilização persistente, quase forçado a Alemanha a declarar-lhe a guerra, tais responsabilidades não são senão responsabilidades dum momento, responsabilidades acidentais, cujo pêso sobrecarregará perante a história cada um dêsses Estados.

Mas as responsabilidades mais pesadas, por serem responsabilidades de sempre, são as que pesam sôbre todos os governos europeus, cujas manobras reciprocamente hostis, juntas às intrigas desonestas e maléyolas duma diplomacia que despreza a sorte dos povos, mas está ao inteiro dispor dos apetites capitalistas, encurra-

aram a Europa num beco do qual só por meio da guerra ela podia sair.

Se, em tal atentado, a facada, que é a materialização do crime, foi vibrada pelo govêrno alemão, [illegible] ção, organização e preparação do trama cabe tanto aos outros como à Alemanha.

A Alemanha atacou a Rússia e a França, é certo; mas os dirigentes de todos os países atacaram os povos, arrastando-os à guerra contra a sua vontade, em nome duma pretensa e falsa solidariedade nacional, e por interesses que não são os dêsses mesmos povos.

Porque, em tôdas essas disputas, não tem o povo interesse algum. Vencedor ou vencido, para êle a guerra traduz-se inevitàvelmente — àparte os irreparáveis lutos — num agravamento de encargos.

Entretanto é sem êle que tudo se dispõe, trama e decide, sem que se dignem jamais consultá-lo em questões graves, de que depende às vezes o seu destino. O único direito que lhe é reconhecido é o de obedecer e de se deixar trucidar para que prosperem as especulações dos traficantes que o dirigem.

Achamos que é tempo de os povos fazerem enfim ouvir a sua voz. Enquanto os seus amos passam o tempo em negociações no intuito de intensificar a obra guerreira, entendemos que é da máxima urgência concertarem-se os povos para quanto antes levar a cabo a obra de paz.

Achamos que os trabalhadores de todos os países, graças a cujo trabalho tudo vive, devem, imitando o exemplo que lhes dão os seus amos, entender-se entre si para impor a pronta suspensão da empresa de morte.

Numa palavra, às conferências internacionais dos dirigentes, que a seu bel-prazer dispõem dos povos como de dóceis rebanhos, achamos que se deve opor uma conferência internacional dos trabalhadores do mundo inteiro.

Já em Setembro de 1915 se esboçou em Zimmerwald uma primeira tentativa nesse sentido, e nós aplaudimos então êsse primeiro esfôrço. Mas isso não passava ainda dum esbôço. Esse esfôrço será renovado e deve atingir a amplidão reclamada pela gravidade das circunstâncias.

Entendemos, pois, que as organizações operárias de todos os países devem desde já, se compreenderem o seu interesse e o seu dever, apressar-se a constituir um congresso mundial do proletariado, cuja missão seja antes de tudo exigir a cessação das hostilidades e o desarmamento *imediato* e *definitivo* das nações.

Demais, além das sanções e reparações equitativas dos danos causados, a impor aos dirigentes e capitalistas de todos os países por êles responsáveis, competir-lhe há fazer saber que convenções e arranjos internacionais se deverão tomar, no seu entender, para que no futuro fique garantida a segurança dos povos contra a repetição de semelhantes atentados da parte dos seus dirigentes.

Tal manifestação terá um alcance considerável. Será um precedente histórico, o da primeira intervenção directa da classe operária — intervenção que poderá renovar-se em tôdas as circunstâncias graves — no ajuste das condições internacionais que o interessam essencialmente e para determinação das quais nunca êle é consultado.

Até aqui, como o Terceiro Estado no antigo regime, a classe operária nada foi; nunca foi chamada a tomar parte na solução das questões vitais de que dependem o seu bem-estar e segurança. Se o proletariado tem consciência da sua função social, será êsse congresso os primeiros Estados Gerais da Internacional Operária.

Operários, camponeses, vós todos que penosamente viveis do vosso labor, ¿não estais cansados de servir indefinidamente de gado a explorar? ¿Não achais que é tempo de erguer a voz e afirmar a vossa vontade? Vós, graças a quem tudo vive, prospera, progride, é que sois o Direito e a Justiça. A Barbaria são os vossos amos, cujo egoismo e cupidez [illegible] intos. De vós, da vossa vontade e acção depende que seja assegurada a vitória do Direito e da Justiça verdadeiros sôbre a real Barbaria.

Sabei querer! sabei agir!

(A primeira edição dêste apêlo trazia as seguintes assinaturas:

Ch. Benoit, A. Girard, A. Mignon, Siegfried, colaboradores de LES TEMPS NOUVEAUX; *Madame Douheret, Feliciano David, Frederico David, M. Hasfeld, Méreaux*, da comissão do mesmo jornal; *Madame Ed. Delebecque, Beauvais*, delegado à C. G. T. (Federação da Cerâmica), *Bidault, Sebastião Faure, Garnery, Génovesi, Lagru, Péricat, Rey, Fr. Stachelberg, Guy Tourrette* (da VIE OUVRIÈRE), *Paulo-Signac* (artista pintor), *Béranger*, em nome dos AMIGOS DE ROUBAIX, Grupo dos amigos de LES TEMPS NOUVEAUX, de Saint-Etienne.

Depois, multiplicaram-se as assinaturas e sobretudo as adesões dos que, por circunstâncias fáceis de imaginar, não podem assinar públicamente.)

Solidariedade operaria :

Os operários, presos na cadeia de Faro, por causa do movimento contra a carestia da vida, levado a efeito nos dias 2 e 3 de fevereiro do ano findo, jamais poderão esquecer o auxílio monetário que lhe têem prestado os trabalhadores desta cidade.

Além de inúmeras subscrições voluntàrias, ainda no dia 18 de dezembro findo realizaram um espectàculo em nosso benefício, espectàculo que se efectuou no Teatro Circo, cedido gratuitamente pelos empresàrios, e que deu o seguinte resultado:

Receita . . .	57$95
Despeza . . .	18$90,5
Saldo. .	39$04,5

Este saldo líquido, foi, de comum acordo, assim distribuído: a Manuel Franco, Abílio Corrêa, Joaquim Braz e Domingos Catarino, 6$00 escudos a cada um; e ao camarada António Costa, que é um estrénuo defensor e organizador da classe Trabalhadora, mas que actualmente se encontra em precárias circunstâncias, foram-lhe entregues 15$04,5.

No dia 30 do mesmo mês os camaradas Gonçalves Corrêa, Neves Anacleto e Maria Adélia Fernandes, entregaram-nos a quantia de 3$38, produto da rifa dum quadro que os mesmos camaradas realizaram no sítio da Azinheira.

Se tôda a classe operária organizada procedesse para com os presos por questões sociais como estes camaradas tem procedido para connosco, temos a certeza que os bandidos que nos perseguem não seriam tão audaciosos nas suas iras nem nos seus rancores.

Contudo esperamos que o seu exemplo será seguido visto que a consciência proletária está em marcha e ninguêm a poderá deter.

A todos os que se interessam por nós, os nossos agradecimentos.

Cadeia civil de Faro, janeiro de 1917.

Soma e segue...

Noticiaram os jornais que se descobriu um desfalque importante nos Armazens Gerais da Assistência Pública, estando já suspensos três funcionários sôbre quem recaem graves suspeitas.

Vê-se mesmo que estas criaturas ainda não têem a escola toda. De contrário procediam como os seus colegas: deitariam o fogo aos Armazens e nunca mais se saberia quem foram os *abotoadores*.

... Porque este proceder, essencialmente democrático, está muito em voga...

Sermões ao ar livre

Ninguêm ignora que todos os beligerantes da grande guerra se [illegible] independência dos povos [illegible] livre e pacífico. Ainda há pouco um grupo deles, o dos impérios centrais, o quis demonstrar, proclamando a independência da Polónia e... pedindo-lhe em paga um exército e outros patrióticos sacrifícios.

Esta hipocrisia — perfeitamente visível cá dêste lado... — mais uma vez tornou bem patente o que se esconde por trás do "principio das nacionalidades„ e das famosas liberdades nacionais.

Um recente congresso das "nacionalidades oprimidas„, realizado na Suiça, já tinha feito tocar com o dedo a mentira convencional das reivindicações nacionais. Ali vimos magnificados os "grandes patriotas„, alguns dos quais, como Rieger, foram rudemente combatidos por Bakunine. Ali vimos como reclamam liberdades certos «povos oprimidos» que oprimem outros.

E que liberdades reclamam? Algumas mostram bem o que êles entendem por "liberdades„ e o que êles entendem por "povos„. Pedem um govêrno e um exército nacionais, o direito de estabelecer alfândegas e cobrar impostos, e outras regalias dêste jaez. Trata-se da liberdade de governar e de explorar. A contenda é entre classes dominantes. Os *povos* em litígio são, afinal, Estados. Quanto ao povo governado e explorado, êsse continuará governado e explorado como sempre, miserável como dantes, e como dantes obrigado a dar vida pelos amos e por interesses alheios, com a única consolação de cuidar bater-se pelas coisas mais belas e mais abstractas. Não se trata da sua liberdade nem da sua independência.

Outras liberdades são mais apreciáveis, sem dúvida: as de lingua, costumes, crenças. Mas essas mesmas nenhum Estado as garante, e é sempre contra êle que elas teem de ser mantidas.

Por mais nacional que o digam, o Estado é incapaz de resolver o problema das nacionalidades. Primeiro, os povos estão mesclados e entremeados: não seria possivel uma divisão territorial perfeita, nem portanto uma federação de Estados territoriais.

[illegible] quando muito, a questão dos portos e vias de comunicação. Com efeito, certos Estados nacionais, dado que fôsse possivel uma satisfatória divisão de territórios, ficariam privados de portos e de qualquer saída livre para os grandes mercados mundiais — e o desenvolvimento do capitalismo moderno exige a exportação, a venda em grande escala, a busca de mercados...

O federalismo real e sincero não se casa, aliás, com a natureza do Estado. Este procura expandir-se, impor a federação, celebrar alianças de momento — mas é sempre para fins de guerra ou de engrandecimento, para exercer a sua influência ou hegemonia, para disputar mercados, portos, caminhos de ferro e linhas de comércio. E a guerra, acirrando ódios e cavando abismos, dificulta e obscurece ainda mais os problemas nacionais, agrava e acentua ainda a incapacidade do Estado.

As liberdades étnicas são afinal liberdades individuais, que se medem pelo grau de consciência, organização e espírito de revolta da gente governada — quer esta seja formada de várias raças ou nacionalidades vivendo sob o mesmo govêrno, como na Suiça ou na Bélgica, quer constitua um só "povo„, cuja homogeneidade é em regra apenas aparente. E essas liberdades só terão cabal expansão, juntamente com as essenciais liberdades económicas e políticas, numa sociedade livremente federada — livre união de indivíduos, livre federação de grupos, sem Estados e sem fronteiras.

E' para êste ideal que nós devemos trabalhar directamente, combatendo as vãs esperanças nas soluções estatais, na acção benéfica dos governos e dos seus instrumentos mais essenciais e antigos — os exércitos.

ZENO VAZ.

O que nós queremos

Em poucas palavras se resumem as nossas aspirações: Nós, os partidários da sociedade egualitária que hade surgir em ocasião oportuna, queremos, *para todos os sêres com vida animada*, isto, que é bem simples: O máximo de felicidades e de alegrias íntimas. Como tudo déve ter uma báse de apoio, também esta vida sonhada pelos homens justos tem esta base: a abolição do regimen de propriedade *individual*, estabelecendo em seu logar o regimen inteligente da propriedade *comum*.

Ninguem duvida que da ünião násce a força. Mas a humanidade, por culpa de quase todos nós, (o crime é colectivo) vive desunida. O interesse particular, individual, é o caminho mais curto para se chegar a esse antro repugnante onde se acoita o secular bandido chamado *egoismo*. Na sociedade actual andam as fôrças dispersas. Não está estabelecida a união das energias. Cada um pucha para seu lado. Como consequência, uma confusão onde ninguêm se entende. Nós, os partidários da egualdade *económica*, (é preciso sublinhar a palavra «económica» porque há muitos palermas que se referem sempre ignáramente á egualdade da inteligencia e dos dedos...) queremos e havemos de consegnir o aniquilamento da organização social burgueza, que se baseia no roubo, na opressão e na tirania!

Queremos alegria para todos. Não é uma aspiração irrealisável porque o raciocinio diz ser possivel. Queremos pão com fartura para todos. Póde bem conseguir-se por que a terra é bem grande e suficientemente fértil para alimentar todos os seus filhos. Queremos sciência para todos. Não é uma fantasia de cérebros fracos. E' uma aspiração de cabeças equilibradas. Queremos o *máximo* desenvolvimento do indivíduo dentro da sociedade comunista. E isso é bem possivel. O indivíduo pode e deve ser um valôr apreciavel, física, moral, intelectual e profissionalmente. Mas esta grande obra não a tem feito nem a pode fazer a organização burguesa. Essa messalina, essa rameira infame, só tem produzido guerras, crimes monstruósos, pestes horriveis, pugnas interminaveis! Queremos que o sol magnífico da felicidade inunde todas as almas. Não pode ser? Assim dirão os que não refletem. Os ponderados concordarão que poucas coisas são impossiveis. Queremos que a educação racional, começando no berço, acompanhe o individuo até á idade que possa ser educador. Queremos arrazar as cadeias, que são antros de perversão e de banditismo. Queremos que os anormais, autôres de crimes, sejam tratados com carinho, como doentes, e não como feras enraivecidas. Queremos tudo isto e muito mais. Queremos carinhos para os velhos, tratamento humano para os doentes, amparo e meiguice para as criancinhas. Amôr para todos os corações! Queremos viver, queremos gosar! E como compreendemos que só derrubando o mundo burguês, tal podemos conseguir, o mundo burguês cairá desfalecido ante as nossas certeiras e enérgicas machadadas! E' ainda cedo? Iremos esperando com paciência...

GONÇALVES CORRÊA.

"A AURORA" Este semanário encontra-se à venda na BARBEARIA INTERNACIONAL, de Mendes & Loio, na Rua de Loureiro, 82.

A FOBIA JACOBINA

Sempre que qualquer *intentona* politica vem perturbar a digestão aos donos da república portuguesa, os caciques locais acham logo pretexto para perseguirem ferozmente os revolucionários sociais. A última intentona machadista ofereceu-lhes ensejo para cevarem os seus ódios e os seus rancores. Entre outros documentos, prova-o exuberantemente a seguinte carta, inserta no *Jornal d'Almada* de 4 de janeiro do ano corrente:

Sr. Redactor — Os abaixo assinados solicitam de V. á publicação destas linhas, o que antecipadamente agradecem:

Como V. e o povo de Almada sabem, fômos presos no dia dezanove do corrente, supomos que arguidos de termos conhecimento dos últimos acontecimentos que se deram em diversas terras do país.

Relativamente ao assunto, declaramos, terminantemente, que não só neles não tomamos parte, como nem sequer dêle tínhamos o mais ligeiro conhecimento, desafiando seja quem fôr e em que campo fôr a provar-nos o contrário desta afirmativa. ¿A que vem então a nossa prisão?

E' convicção radicada em nosso espírito ser a sua determinante uma tremenda vingança urdida por pessoas que de há muito nos movem uma perseguição acintosa, pelo facto de nunca servirmos de joguete para as suas manigâncias políticas e de não nos termos prestado a colaborar na satisfação das suas ambições pessoais, como de resto os habitantes deste concelho o reconhecerão eloqùentemente.

Nós, homens de trabalho e absolutamente honestos — permita-se-nos a imodéstia — que moirejamos constantemente na oficina para a nossa manutenção e daqueles que de nós dependem, sofremos, presentemente, as conseqüências dos desvarios e dos ódios dos indivíduos que, parece-nos, primaram em nos torturar e espalhar o terror e a desgraça em nossos lares, assim como malquistarem-nos com os nossos amigos e camaradas.

A nossa acção, sr. redactor, como V. e a população deste concelho sabem perfeitamente, tem sido dentro da organização operária local, assuntos de natureza económica para a melhoria do povo trabalhador, e nunca em movimentos de caracter político, porque o *tira-te tu para me pôr eu*, é critério que qué nunca nos norteou em tempo algum, quanto mais nos tempos que vão correndo.

Se é, pois, este o motivo porque nos prenderam, — para saciar fins ocultos, representa uma tremendíssima perseguição, contra a qual protestamos indignadamente.

Sendo assim, quem nos indemnisará dos prejuizos e incómodos físicos por que temos passado, especialmente os de natureza económica?

Para nós, que só do trabalho vivemos, a nossa detenção representa uma série infinita de dificuldades que se reflectem, conseqüentemente, nos lares de que somos os únicos amparos.

Para terminar, s. redactor, deixamos à apreciação dos seus leitores e de quem nos conhece, o tirarem as conclusões da arbitrariedade de que somos vítimas.

Rio Tejo — Bordo do navio *Lourenço Marques*, em 26 de Dezembro de 1916.

Raimundo J. Moreira — Silvério dos Santos — Benigno António de Jesus — Diniz Rocha — Gregório Joaquim Monteiro — Bernardo Monteiro — Domingos Oliveira — António Ramalho.

E ufanam-se os jacobináceos a afirmar que os *Direitos do Homem e do Cidadão* estão em vigôr em todo o território da República e que não há, em todo o mundo, regime mais tolerante nem mais respeitador das opiniões alheias que êste!...

Lá isso...